

BAN JR, Domenico; BALESTRERI, Silvia. **Quem pesquisa em nós? Algo sobre aliados, intercessores e confluências.** Porto Alegre: UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas; professora associada; mestrando.

**RESUMO:** O filósofo Gilles Deleuze, ao apresentar o conceito de intercessores, tece uma crítica aos direitos humanos, guardiões de valores eternos, por demais abstratos, que freiam todo pensar criador. Parece haver uma ousadia alegre que irrompe em todo ato de criar; primeiro porque se sabe estar pisando em um território novo, indômito - há ali um receio e um gosto pelo desconhecido! Em segundo lugar, porque é preciso se superar, insuflando-se de coragem para se soltar, mesmo que parcialmente, de um *modus operandi* já conhecido, autorizado e supostamente previsível de se fazer “tal coisa”. Em terceiro, porque esbarra em toda espécie de entrave social; tudo o que se cria parece trazer consigo o poder de estremecer estruturas e tradições já estabelecidas com seus valores arraigados, regras e conceitos bem definidos, direitos salvaguardados etc. E, finalmente, a questão parece se complicar quando nos damos conta de que “aquilo que se cria” passa longe das intencionalidades de um ou mais sujeitos, longe de nossa lógica racional indutiva ou dedutiva, tal acontecimento quer se revelar por si próprio, vem e nos toma, nos abduz, nos desmonta e recria, efeito da natureza naturando, brotando de maneira intuitiva, no sentido mais espinosano. Ao que parece, quanto mais a vida de alguém se torna afirmativa, ou seja, quanto mais o devir é experimentado e mais relações legítimas entre o dentro e o fora acontecem através dos corpos e seus intercessores, tanto mais a vida é tocada pelas confluências e mais ela é afetada pelas diferenças que nela querem se diferenciar, pelas criações querendo se criar, por afetos alegres e pelas manifestações espontâneas dessa criação; ao menos foi esta a impressão que nos deixou uma intensiva experiência de trocas entre uma pesquisadora peregrina em suas viagens à Itália em busca de Carmelo Bene e um aliado entusiasta que acompanhou todo o percurso permanecendo em São Paulo, através da construção de um acervo de imagens, áudios e mensagens em mídia digital no aplicativo WhatsApp. Apresentamos um momento de pesquisa em que os encontros e os modos como se deram essas trocas desencadearam fluxos criativos em que percebíamos um modo de pesquisar sendo inventado e nos inventando.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intercessores. Aliados. Confluências. Carmelo Bene. Pesquisadora-peregrina. WhatsApp.

**ABSTRACT:** The philosopher Gilles Deleuze, in presenting the concept of intercessors, weaves a critique of human rights, guardians of eternal values, which are too abstract and suppress all creative thinking. There seems to be a cheerful daring that erupts in every creative act. First, because it is known as the act of stepping into new, untamed territory - there is a fear and a taste for the unknown! Secondly, because one has to overcome oneself and find the courage to break free, at least partially, from an already known *modus operandi*, which is authorized and supposedly foreseeable to do “such a thing”. Third,

because it collides with every kind of social barrier and all that is created seems to bring with it the power to disturb ingrained values in established structures and traditions, as well as their well-defined rules and concepts, safeguarded rights, and so on. Finally, the issue seems to become more complex when we realize that “what is created” goes far beyond the intentionalities of one or more subjects. It escapes our inductive or deductive rational logic. Such an event reveals itself, comes and takes over us, abducts us, disassembles and recreates us, which is the effect of *natura naturans* (nature naturing), springing out intuitively in the most spinosian sense. It seems that the more one's life becomes affirmative, that is, the more the becoming is experienced and the more legitimate are the relations between the inside and the outside of bodies and their intercessors, the more life is touched by the confluences and the more it is affected by: the differences that wish to differentiate; the creative work longing to be created, the happy affections and the spontaneous manifestations of the creative act. This was the feeling after an experience of intensive exchange of ideas between a pilgrim-researcher on her travels to Italy in search of Carmelo Bene and an enthusiastic ally who followed the entire journey while remaining in São Paulo. This happened through the assembly of an image, audio and message collection on digital media using the WhatsApp mobile application. We present a moment of research in which the encounters and the ways in which these exchanges took place enabled creative flows through which we perceived a mode of research both being invented and inventing us.

**KEYWORDS:** Intercessors. Allies. Confluences. Carmelo Bene. Pilgrim-researcher. WhatsApp.

Exercemos ou tentamos exercer a pesquisa como experimentação e criação de mundos, o que nos aproxima das pistas da pesquisa cartográfica, especialmente aquela que diz que cartografar – ou pesquisar desse modo – é acompanhar processos. Isso implica mergulhar nas intensidades do presente, acolher o novo, inventar novos problemas, distanciando-se dos métodos da ciência moderna, que se propõe a representar objetos (Pozzana; Kastrup, 2009). Pensamos que a pesquisa em arte é uma pesquisa das processualidades e, como tal, também está aberta, a cada vez, para a invenção de novos modos de fazer-se a si a própria.

A pesquisadora da obra de Carmelo Bene, com breves idas anuais a campo desde 2014, já tinha para si que o artista não era um objeto de investigação, mas que, se quisesse se aproximar do que importa em sua vida e obra, era preciso acompanhá-lo em suas deambulações e derivas por fluxos da existência e da arte. E acessar, nos materiais e pessoas ligados a esta obra, algo da intensidade dos fluxos que Bene parecia ininterruptamente acessar.

Mesmo com isso presente, por se tratar de uma pesquisa registrada em instâncias acadêmicas e desenvolvida com seu apoio, seria preciso atenção constante para não a deixar ser capturada por alguns cânones hegemônicos na academia.

Carmelo Bene (1937-2002) foi um ator, diretor, cineasta, romancista, poeta e polemista italiano, considerado um gênio por importantes intelectuais, artistas e jornalistas seus contemporâneos, após quase duas décadas de sua morte, mantém fãs saudosos que expressam sua admiração dentro e fora das redes sociais. Além de uma obra bastante original, o próprio artista, tanto como figura pública quanto pelo círculo de seus amigos mais próximos, é lembrado pelo modo singular com que se expressava, assim como pelo seu humor muito particular.

Apresentamos, a seguir, um momento dessa pesquisa da obra de Bene, em que um encontro e o modo como se deram as trocas entre nós, autores desse texto, desencadearam fluxos criativos em que percebíamos um modo de pesquisar sendo inventado e nos inventando. Logo percebemos que havia uma confluência de interesses nossos, nem sempre imediatamente identificáveis, que passavam por autores do pensamento nômade, mas também pelas intercessões arte-vida-clínica-academia, apenas para nomear as mais evidentes, e fizemos um bom proveito delas.

Enquanto um(a) de nós cumpria uma série de atividades na Itália, como parte de sua “pesquisa de campo”, o outro acompanhava a viagem, sem deslocamento geográfico aparente, mas em composição e variação tais, que gerou modos novos da pesquisa se fazer a cada momento, dando a nítida sensação de que não havia mais um comando consciente ou uma instância egoica definindo os passos de pesquisa, mas que algo novo estava acontecendo e sendo inventado a cada instante, de modo não intencionalmente aproximado a alguns jeitos de existir e criar do próprio Carmelo Bene.

Muitas trocas se deram através do aplicativo WhatsApp, de modo que uma implicância que anteriormente tínhamos com o mesmo se diluiu, dando lugar a usos inesperados desse meio, com registros escritos, em áudio e

imagens, desaguando em novos modos de pesquisar e nos inventar, em forte coerência com o artista pesquisado, já que duas características marcantes tanto da vida quanto da obra de Carmelo Bene foram sua ousadia e sua liberdade de criar. Um dos pensadores que nos é comum, Friedrich Nietzsche, foi quem, por leituras de seu livro *Assim Falou Zaratustra*, nos trouxe as proposições de ousadia e prudência que foram muito importantes para os desdobramentos da pesquisa nesse momento. À liberdade de pesquisa e trocas que se deram nesse misto de deslocamento para a Europa, de uma parte, e permanência em São Paulo, por outra, passamos a nomear segundo uma concepção de Gilles Deleuze, de intercessores, pois é de intercessão que nos pareceu se tratarem essas criações conjuntas e simultâneas. A seguir, trazemos alguns exemplos dessas trocas e do tipo de aproximação a Carmelo Bene que elas propiciaram, bem como buscamos discutir de que modo alguns conceitos parecem atravessá-las.

As pesquisas de campo acerca da obra de Carmelo Bene, como já foi dito, começaram em 2014 e têm sido realizadas anualmente, em períodos curtos, geralmente de quinze dias, com visitas a arquivos, bibliotecas, locações de filmes e encontros com pessoas que conviveram muito proximamente a Bene. Para janeiro de 2019, Silvia Balestreri planejou uma viagem de um mês à Itália, de modo a poder se aprofundar em alguns temas e manter um contato mais prolongado com as pessoas que são verdadeiros arquivos vivos da vida e obra de Bene. Um pouco antes da viagem, pôde falar de seus planos em um grupo de estudos *online* de esquizoanálise<sup>1</sup> coordenado pelo professor Luiz Fuganti, da Escola Nômade, de São Paulo. Dali, algumas pessoas se interessaram pela viagem que aconteceria em breve e Domenico Ban Jr se propôs a acompanhar essa “peregrinação”, de algum modo, à distância. Para Silvia Balestreri, se, por um lado, esses interesses auxiliaram a se preparar com mais qualidade para os encontros que viriam na pesquisa de campo, por

---

<sup>1</sup> Esquizoanálise foi um nome que Felix Guattari deu ao tipo de clínica que, impulsionada pelas trocas e elaborações teóricas que manteve com o filósofo Gilles Deleuze, começou a inventar. É uma abordagem que surge a partir de críticas desses dois autores às psicanálises tradicionais. Entre seus pressupostos principais, estão a ideia do desejo como produção desejante e não como falta, as críticas ao universalismo edipiano e ao significante despótico, a criação do conceito de micropolítica do corpo e do desejo, as críticas ao fascismo e ao capitalismo, entre outras. A obra dos autores que introduz e estabelece a teoria da esquizoanálise é chamada “Capitalismo e Esquizofrenia” e está disposta nos livros: *O Anti-Édipo* e *Mil Platôs*.

outro lado, queria ter o cuidado para manter a imersão a que se propôs, imersão tanto na atmosfera dos mundos de Bene quanto no próprio idioma italiano, o que poderia ser prejudicado por um contato frequente com o Brasil. Olhando retrospectivamente, podemos perceber como, desde as primeiras trocas por WhatsApp, já havia um agenciamento operando e modificando qualitativamente a pesquisa por vir.

### **Novembro/2018 - primeiros diálogos**

*D: Eu nunca tinha ouvido falar em Carmelo Bene. Ele segue uma linha parecida com a do Artaud?*

*S: Sim, é o mais próximo, mas ao mesmo tempo muito original. Ele fez homenagem ao Artaud num espetáculo.*

*D: Sensacional! Até hoje nunca vi uma interpretação ao vivo deste tipo de teatro, deve ser incrível o movimento dos “corpos sem órgãos”.*

*S (áudio): Esse assunto me interessa bastante, até porque eu também não assisti o Carmelo Bene, só... Tem muito filme dele, e gente que assistiu [no teatro] com quem eu conversei e tal. Mas quando eu recebi material dele [livros e dvd doados por Jean-Paul Manganaro], ele já tinha morrido.*

*S (áudio): [Conversar] Com o [Luiz] Fuganti tá sendo mais um baita incentivo pra certas coisas que estavam meio devagar (...)*

Não será o caso aqui de transcrever todos os diálogos, mas alguns que mostrem um pouco das intercessões que se fizeram ali e que de fato modificaram algo no modo de fazer pesquisa, possibilitando um encontro diferente com as mesmas pessoas com quem Silvia já tinha estado em outros momentos. Ainda na preparação da viagem, ocorreram áudios como os que estão transcritos a seguir:

### **Dezembro/2018 – antes da viagem**

**D (áudio):** *Eu queria saber também, um pouco mais, se possível, o que você vai fazer lá, afinal, como é que vai ser essa pesquisa tua? O que você pretende encontrar nessa arqueologia toda aí, nessa imersão, nesses mergulhos?*

**S (áudio):** *Eu vi que você tem o Guimarães Rosa na sua capa no face, você vai gostar de ler esse texto meu – tá bruto e tal – que é Um Sertão no Sul do Sul de Carmelo Bene, porque essas foram as impressões da primeira vez que eu fui lá. Pois é uma boa pergunta, o [Luiz] Fuganti estava me instigando em relação a isso, ele chama de “rastros de intensidade”. A primeira vez que eu fui lá, que eu decidi ir pro sul da Puglia, sul da Itália, que era a terra do Carmelo Bene, onde ele nasceu e que ele faz muita referência, embora ele tenha morado muito tempo em Roma, eu dizia que eu estava indo atrás de “sinais” de Carmelo Bene. E, depois, eu ouvindo o Fuganti falar em rastros, eu acho que são “rastros”, que ele me disse que usa quando fala em “rastros de intensidade”.*

*Eu tenho contato com as pessoas que eram mais próximas do Bene. Ele não era uma pessoa fácil, mas ele tinha umas pessoas muito próximas que ele gostava e que gostavam muito dele, e eu vim a cair nesse grupo, nessa rede pequena. Eu tenho um cuidado enorme com essa rede de afetos, agora eu consigo perceber. Antes eu ficava assim: “ai, meu deus, eu tô falando com a viúva do Bene, ai, meu deus, eu tô falando com o tradutor dele na França”, mas essas pessoas também são muito simples – o Jean-Paul Manganaro, que foi quem me deu [vários materiais raros relacionados ao Bene]. Eu vou encontrar com ele na França, dessa vez vai ficar claro, eles acham que eu vou lá fazer muitas coisas, mas eu vou lá pra encontrar eles. Uma vez eu fui, e disse assim: “eu vim pedir a benção” [risos]. Ele me olhou com uma cara... A benção pra eu ir pra Itália”. Então, o Jean-Paul Manganaro é um senhor, que tem mais de 70 anos, ele que me deu todo o material, os primeiros materiais do Carmelo Bene [que eu ganhei], eu pedi um pouquinho e ele me deu muita coisa. E eu tive uma felicidade, porque o Manganaro - esse francês – ele não responde, os franceses não respondem muito e-mail, ainda mais esse pessoal mais velho... Então, eu escrevi pra ele, ele me disse que ia estar lá e que eu dissesse o melhor dia e horário pra mim [pra nos encontrarmos], eu respondi e ele não me escreveu mais, mas eu sei que é assim mesmo, quando chegar perto, eu*

combinado de novo. E ele tinha me dito que ia digitalizar pra mim um livro do Bene que ele tinha, e sábado ele me mandou, (...). Eu fiquei muito feliz com o presente de natal do Manganaro. Então tem uma coisa aí de afetos, eu entrei nesse circuito, sabe? De pessoas que tiveram um contato muito intensivo com o Bene, com a obra dele, com a figura dele, e que... Que passam isso nos textos delas, no jeito que falam dele e tal. Então eu vou lá pra me contagiar com isso.

**D:** *Caramba!!! Que coisa linda!!!*

**D (áudio):** *Caramba, eu fiquei aqui imaginando uma cena: você perdida (...), vendo um monte de coisa de um autor que você curte, que tem tudo a ver contigo, tá no meio das pessoas mais próximas a ele e, nossa!, eu acho que eu teria a mesma dificuldade sua assim: o que eu faço com tudo isso? Como reunir esse acervo? Enfim... O que fazer com esse trabalho? Puxa vida, que legal! Mas, dentro disso, o Fuganti tá conseguindo se compor assim contigo, pra vocês pensarem juntos em algumas possibilidades, em algo criativo, em algo interessante nesse sentido?*

**S (áudio):** *O Fuganti me faz as perguntas e é um bom ouvido, assim, que nem você. Essa última sessão [individual com o Fuganti] foi bem legal, até durou um pouco mais, porque eu fui falar, e formular, né? Mas eu não me assusto não com tá cheia de coisas e ... Só que tá na hora de efetuar um tanto dessas intensidades. E eu não sei se o Carmelo Bene é alguém que eu “goste” tanto, é meio estranho, é estranho, não vai pelo gosto, mas já me tocou, né, já me pegou.*

**D (áudio):** *Nossa, que barato esse finalzinho da tua fala, Silvia. Quer dizer que não é um autor necessariamente da sua preferência, assim... É algo que mexeu contigo, que bagunçou tuas estruturas, é isso?*

**S (áudio simultâneo):** *Estudar o Bene embaralha o que faltava embaralhar em mim, bagunça mesmo. É, sei lá, acho que tem que inventar um outro jeito de... Me inspira, me inspira muito: novos modos de fazer pesquisa, de conceber pesquisa, do texto e tal. Então por isso que eu fico meio... Quase afogada, assim, nessas intensidades. Por isso estão sendo interessantes essas*

*conversas com o Fuganti<sup>2</sup>, que já tinha um interesse pelo Bene, então... E tem essa sensibilidade. E tá sendo muito legal falar contigo também.*

### **Dezembro/2018 – às vésperas da viagem**

**D (áudio):** *Então, em resumo, o que eu gostaria de transmitir como ideia é que você estivesse à frente, né? O teu “torna-te quem tu és” estivesse à frente desses autores, dessas pessoas, de tudo que vai acontecer, de todos os devires, de todos os acontecimentos que se sucederão nessa viagem, né? Então, que a intuição pudesse estar à sua frente, que você percebesse em primeiro lugar a Silvia, imbuída em tudo isso, colocada nesse lugar, indo na direção daquilo que é significativo pra “tornar-te quem tu és”, eu vejo dessa forma. E, se você puder fazer esse tipo de inversão... E eu falo inversão porque geralmente nós estamos muito mais voltados pro outro, com o olhar muito mais centrado no externo do que no que tá dentro. Então, mais ou menos isso. Não sei se você já faz essa inversão, se isso tem sentido pra você, mas eu acho que assim a sua viagem se tornaria inesquecível e a criatividade vai também pulsar a mil.*

“Aquele que morreu para o mundo, conquista o seu mundo”, este é o final do fragmento “Das três metamorfoses”, do livro Assim Falou Zaratustra (Nietzsche, 2000, p.53). Talvez aqui encontremos a mais radical compreensão sobre o “torna-te o que tu és” nietzscheano, sob este prisma, o conceito filosófico aparece como um resultado da conquista da liberdade de criação, que se dá na segunda metamorfose através do espírito do leão e, depois, pela conquista da ação criadora de valores propriamente dita, que se dá na terceira metamorfose ou, no espírito da criança. Sendo assim, o torna-te o que tu és revela mais do que um desprezo ou uma oposição, mas um esquecimento e um abandono legítimos frente ao espírito de suportaçãõ ou camelo, a primeira metamorfose, o que significa, entre outras coisas, que a pessoa já não se sente

---

<sup>2</sup> Uma das contribuições importantes do Luiz Fuganti foi ter destacado a importância da qualidade, dos modos de fazer a pesquisa, um acesso à intensidades que perpassam a obra de Bene, por exemplo, mais do que a quantidade de informações ou materiais acumulados.

coagida a carregar o peso dos deveres e valores morais como um fardo e se apercebe que estes já não atuam mais como "senhores" ou "deuses" capazes de determinar e limitar suas ações e sua vontade de criação, isso é o que se compreende como "aquele que morreu para o mundo". Assim, o "torna-te o que tu és" aparece como uma real conquista de si, não no sentido intencional do velho espírito de obediência, o camelo, mas do modo intensivo, vivo e alegre, há uma "inocência" na criança e um "sim" para a vida, para uma vida plenamente afirmativa, que não se censura moralmente, mas que sabe se conduzir de modo ético numa espécie de dança com o acontecimento - "há um deus que dança dentro de mim" - que sabe se experimentar e se cuidar para ir ainda mais longe no jogo da criação e de superação de si, coisas estas que fazem a vida, e também a pesquisa, se encherem de sentidos, e é assim que entendemos "aquele que conquista o seu mundo".

Não haverá espaço aqui para dar conta da totalidade das trocas e invenções que se fizeram, material para um livro futuro sobre o pesquisar, com fotos, áudios, pequenos textos, com *insights* sobre a pesquisa, o artista pesquisado, o contexto em que sua obra aconteceu, a criação de conhecimento dentro ou fora da academia, as relações entre saber acadêmico e criação artística, para citar alguns temas que tratamos a partir da experiência reportada e vivida através do aplicativo. Transcrevemos, a seguir, alguns trechos que mostram uma variação da relação da pesquisadora-peregrina (Balestreri, 2018) com os diferentes idiomas.

### **Dezembro/2018 – ainda preparação da viagem**

**S (áudio):** *A relação com a língua e com a linguagem é uma questão. Foi uma questão pro Carmelo Bene, que ele trabalhou de um jeito primoroso, e é uma questão pra mim nessas viagens. Então o que me ocorreu ontem é, assim... Se você topa entrar em devir com esses idiomas, que são os idiomas oficiais, mas, na Itália isso é mais misturado, tá? [Por causa dos dialetos.] Se você topa entrar em devir com esse idiomas (...) Mas aí eu tenho alguns caminhos [pra sugerir]... (...) Eu cheguei até a pensar em fazer um grupo [no WhatsApp] (...) só da viagem.(...) E te peço ajuda, pra gente estar atentos, pra... Como dizer?*

*Não é “dispersando”, se vou tá dispersando... Se eu vou estar no encalço do que importa (...) ...*

**S:** *Então, esse encontro de potências em ato (sic Fuganti) instaurou em mim outras possibilidades ou necessidades de funcionamento. P. ex., como o q eu já te falei sobre uma certa “embriaguez” que deixa tudo mais fluido.*

**S:** *E aqui penso especificamente na relação com os idiomas<sup>3</sup>.*

Entendemos que essas confluências que deságuam em mais criação ressoam também o que Deleuze chamou de intercessores – pessoas, bichos, plantas, coisas, fictícias ou reais. sem as quais não é possível criar. “Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro”, afirmou Deleuze (1997, p; 156). E também, no mesmo texto: “O que é preciso é pegar alguém que esteja ‘fabulando’, em ‘flagrante delito de fabular’. Então se forma, a dois ou em vários, um discurso de minoria.” (Deleuze, 1997, p.157) Talvez a relação entre intercessores ou aliados seja isso: uma relação sem poder, um devir-minoritário.

### **Janeiro/2019 – Em campo**

**S (áudios):** *Eu me desloco bastante, às vezes até demais, e já me comprometi mais ou menos de fazer uns três deslocamentos na Itália, pelo menos, que, se você continuar por aqui (risos), você vai acompanhar. Vamos ver como é que fica esse [grupo de ] whats aqui, vamos ver se a gente mantém com tanta coisa...E aí a minha pergunta é: Eu, com esses deslocamentos todos, será que estou espantando os devires, fugindo deles, ou indo ao encontro deles? Isso é uma pergunta também pra minha escrita, né?*

*(...) {Me abrir} pros devires nas leituras, nos encontros, na escrita...É claro, você vai ver aqui pelos relatos, o encontro com o Manganaro foi o melhor possível, Ontem eu liguei pra ele e também foi bem legal... E eu ter lido –*

---

<sup>3</sup> Nessa viagem especificamente, Silvia Balestreri se deslocou entre os idiomas francês, inglês e, por último, o italiano, pois teve um encontro, em Londres, com sua orientanda de doutorado, na época, e a orientadora da bolsa-sanduíche que ela recebeu, respectivamente, Márcia Donadel e Karen Wood..

*relido! - o texto dele<sup>4</sup> aqui de tarde, no hotel, um pouco antes de encontrar com ele, e poder falar pra ele, isso também foi muito bom! 'Cê não imagina o ponto que eu tô, pra gente continuar lendo o Corpo Sem Órgãos<sup>5</sup>!*

Apenas para darmos um exemplo concreto, nessa viagem, Silvia propôs e conseguiu passar a conversar com Manganaro em italiano. E assim, não mais no francês, como antes, mas no idioma de Carmelo Bene, têm sido suas trocas dialogadas ou por escrito desde então com este que com certeza foi um intercessor e um aliado para o artista. Os aliados ressoam como amplificadores da potência individual e assim igualmente se fortalecem e, também como provocadores que nos ajudam a reencontrar os intercessores e a vida viva, os devires, os acontecimentos...

Em Spinoza, parece haver uma espontaneidade radical e necessária no constante jogo de sobreposições entre a natureza naturante e a natureza naturada; dizemos “espontaneidade” pois trata de um brotar exuberante e não intencional a partir de uma substância única e primeva. Dizemos, “radical” porque estes movimentos de brotações diferenciando-se constantemente surgem e se dão à partir desta primeira substância raiz. E dizemos “necessária” porque isso não poderia se dar de outro modo. Com isso, queremos demonstrar, no âmbito da vida humana, que a constante re-criação da natureza “naturando” em seus movimentos no corpo e nos acontecimentos que o permeiam, nada tem com as intencionalidades da razão humana que, por sua vez, só pode ser uma variação da mesma substância não intencional que a originou.

Não caberia aqui discorrer sobre os usos da razão e nem porque sua manifestação no ser humano se fez necessária, mas apenas salientar que existe uma relação absolutamente imediata, ou seja, não mediada pela razão, em que os acontecimentos espontâneos da natureza do corpo se dão em

---

<sup>4</sup> Trata-se do primeiro capítulo do livro sobre Carmelo Bene, que Jean-Paul Manganaro começou a escrever, mas não deu seguimento, ao menos até o último contato que fizemos com ele. É um livro que gera muita expectativa, dada a singularidade e intensidade da amizade entre ele e Carmelo Bene.

<sup>5</sup> Platô Como Criar para Si um Corpo-sem-órgãos, de Deleuze e Guattari, leitura recomendada por Luiz Fuganti em um de seus cursos.

confluência com os acontecimentos espontâneos que estão para além dele. Em última instância, seria possível dizer que se trata de um só e mesmo acontecimento, o pertencimento ético ao infinito e eterno amor de Deus ou, à infinitude e eternidade da única substância, a natureza. Essa relação imediata e portanto não racional de conhecimento, chamada de intuição em Espinoza, acontece naquilo que ele descreve como um “estado de graça” que parece nos religar ao amor pela vida, pela natureza e desobstruir os ouvidos para o canto do necessário: aquilo que se cria e recria em nós, a natureza “naturando” esta ou aquela condição humana em sua singularidade.

Desobrigar-se de investir em intencionalidades dedutivas e indutivas nos aparece então como um possível meio de dar alguma resposta à pergunta: quem pesquisa em nós? Esta pesquisa, que se debruça em explorar tal pergunta, foi se desenhando a partir daquela mesma espontaneidade radical e necessária de que falamos e com uma inocência original daquele que não sabe exatamente de onde saiu, onde está e nem para onde vai, mas que, talvez por isso, esteja apto a reconhecer que a própria natureza nada tem de intencional, sabendo se maravilhar com o fato de pertencer absolutamente a ela e de reconhecê-la tão somente enquanto uma exuberância ético-estética que não para de se diferenciar. Isso nos leva a crer que não há propriamente um ponto de partida, de estada ou de chegada e que isso jamais foi um problema, pelo contrário, o falso problema estaria em acreditar que existiriam mesmo esses projetos intencionais, pontos fixos em algum lugar da vida, do universo ou para além destes.

Assaz despreziosos, podemos fruir do estado de graça ao qual nos convida Spinoza com uma possível prática de sua ética. Nos aproximamos então de uma vida afirmativa, o que significa que não a queremos – intencionalmente - de outro modo, mas que estamos livres para fazer dela o melhor uso que nos couber, estilizá-la, como a arte, a música e a literatura nos convidam a fazer.

E é assim que o acontecimento da vida parece estar desobstruído para confluir com o acontecimento do mundo, uma só natureza onde espontaneamente nos surgem intercessores e aliados, estes que intercedem no instante exato, coincidências? Confluências que contrariam as

probabilidades estatísticas e nos abrem para um horizonte utópico de perplexidade, aguçando assim os sentidos e nos abrindo as perspectivas para fruir ainda mais da experiência intuitiva compartilhada, viva e diferencial que é, talvez por ora, aquilo que aqui escreve e aquilo que pesquisa em nós.

Ou, dito de outro modo, ao nos aproximarmos de um acesso direto aos fluxos e intensidades da pesquisa, deixando-nos mover e conduzir por tudo aquilo que potencializa as percepções e a escrita, seria preciso afirmar que, quem pesquisa em nós certamente não é a razão, muito menos uma dialética, antes, perseguimos e somos perseguidos por uma via intuitiva. Inspirados pela filosofia escrita em fluxo de Gilles Deleuze e Felix Guatarri, por Carmelo Bene e sua máquina atorial, (ver Balestreri, 2018a) fizemos deles também intercessores e, quando enfim nos descobrimos aqui, aliados como dois pesquisadores peregrinos - movidos exclusivamente pela alegria do encontro de afinidades e sem qualquer obrigação de realizarmos juntos algum tipo de pesquisa-, ainda não havíamos nos dado conta de que já pesquisávamos e de que estivéssemos produzindo uma minoração a partir dos demais intercessores que nos foram surgindo pelo caminho durante as trocas espontâneas pelo aplicativo. Daí, viemos a perceber que a pesquisa foi e segue se fazendo em devires-minoritários, de um lugar de abandono de quaisquer estruturas de poder tradicionalmente presentes no ato de pesquisar, trata-se de viajar - saindo ou não do lugar-, de criar para si uma certa consistência, aberturas, espaços onde ainda se possa pensar e criar pensamento. Assim, se vai desenhando uma pesquisa menor sob uma superfície lisa e, como em rizomas, se vê brotar uma cartografia que investiga os rastros de intensidade daquilo que nos alcança enquanto se pesquisa, já não há nenhum compromisso sequer com as intencionalidades deste ou daquele pesquisador, há, antes, uma curiosidade inocente pelos caminhos que se abrem ou se fecham, pelas mudanças necessárias de rota, pela potência que coloca os corpos que pesquisam em variação contínua, pelas transmutações que vão acontecendo na vida, pela co-criação de valores ético-estéticos através das re-criações que fazem deste pesquisar um jogo cooperativo, pelos arrastões da imanência<sup>6</sup> que gentilmente nos conduzem ao prazer de pesquisar, enfim, pelas confluências,

---

<sup>6</sup> Menção ao livro do professor Luís Orlandi, da UNICAMP, que tem esse título, e aos profícuos encontros que temos tido com ele.

que nada mais são do que o encontro das intensidades de dentro com as intensidades do fora, ou seja, o espaço do “entre”, e nos parece que é este mesmo espaço, este “entre-espaço” quem pesquisa em nós...

## Referências

BALESTRERI, Silvia. Andarilhanças e estrangeiridades em uma quase Itália de Carmelo Bene. X CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS. **Anais...** Natal, RN: ABRACE/UFRN, 2018. Disponível em:

<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4011/4130>

Acesso em: 30 dez. 2019.

BALESTRERI, Silvia. Carmelo Bene, uma máquina de guerra gaguejante.

**Revista de Estudos da Presença**. vol. 8, núm. 1, jan-mar, 2018a, pp. 82-98

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/72337> Acesso em: 30 dez. 2019.

DELEUZE, Gilles. Um manifesto de menos. *In*: DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles. Os intercessores. *In*: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. pp. 151-168

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

POZZANA, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. pp. 52-75

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.